

ANEJOS  
DE  
AESPA XLVIII



ESPACIOS, USOS Y FORMAS DE LA  
EPIGRAFÍA HISPANA EN ÉPOCAS  
ANTIGUA Y TARDOANTIGUA

**Homenaje al Dr. Armin U. Stylow**

# ERUDITOS, MANUSCRITOS E CORRESPONDÊNCIA

POR

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO  
Universidade de Coimbra

## RESUMO

Tendo como pretexto o facto de a equipa liderada por Armin U. Stylow — que tem como objetivo actualizar o CIL II, de Hübner — estar a desenvolver importante investigação no domínio das fontes, designadamente manuscritas e epistolares, a presente nota dá conta de como, num outro contexto, o itálico, também essa preocupação estar em voga. Demonstra-o o livro, da autoria de Maria Federica Petraccia, da Universidade de Génova, que traz o título *Camillo Ramelli e la Cultura Antiquaria dell'Ottocento*, sobre o qual se tecem, aqui, breves considerações, em jeito de recensão bibliográfica, não sem se aduzirem exemplos de epígrafes lusitanas pra comparar com alguma das mais significativas estudadas no oportuno volume, dado à estampa em 2006.

## RESUMÉE

Ayant comme prétexte le fait que l'équipe épigraphique d'Armin U. Stylow — qui a comme objectif actualiser le CIL II, de Hübner — est en train de développer une recherche notable en ce qui concerne les sources, notamment manuscrites et épistolaires, cette note rend compte du fait que, dans un autre contexte, celui de l'Italie, cette préoccupation est aussi bien présente. Le livre, coordonné par Maria Federica Petraccia, de l'Université de Gênes, qui porte le titre *Camillo Ramelli e la Cultura Antiquaria dell'Ottocento*, le démontre très nettement.

À ce propos, n propose ici quelques considérations, en donnant des exemples d'inscriptions de la Lusitanie romaine qui peuvent être mises en prallèle avec des inscriptions significatives dont on parle dans ce volume, publié en 2006.

**PALAVRAS-CHAVE:** Camillo Ramelli. Manuscritos. Estudos epigráficos. Correspondência.

**MOTS CLÉ:** Camillo Ramelli. Manuscrits. Études épigraphiques. Correspondance.

Quanto se dedicam às lides epigráficas sabem da importância que assume, para o correcto conhecimento do contexto original das epígrafes e para se ajuizar da veracidade de certas versões de monumentos ora perdidos, o recurso a fontes manuscritas e, mesmo, à correspondência de eruditos dos séculos passados. Não teriam, obviamente, o saber de que hoje dispomos, pois outros eram os objectivos, os ideais, as motivações; contudo, é-nos possível, mediante cuidada análise, chegar a conclusões muito válidas.

Não ficará, por conseguinte, fora do contexto —

ainda que não peninsular ibérico — incluir neste volume esta breve nota. Com efeito, no âmbito da investigação levada a efeito para o novo CIL II, toda a documentação é tida em conta e recorre-se amiúde aos manuscritos e à correspondência antiga, para melhor se ajuizar do contexto original do achado de uma epígrafe e das primeiras leituras que sobre ela se fizeram. Esta singela recensão, pelo tema que a obra recenseada aborda, pretende ser, pois, homenagem a esse labor insano a que, durante anos, Armin Stylow não hesitou a meter ombros no seio desse projecto peninsular.

Estamos perante a obra, coordenada por Maria Federica Petraccia, da Universidade de Génova, que traz o título *Camillo Ramelli e la Cultura Antiquaria dell'Ottocento* [«L'Erma» di Bretschneider, Roma, 2006, 160 p. ilust., ISBN: 88-8265-418-4].

Incluído na colecção «Sentinum», o volume resulta da colaboração entre as administrações comunais de Fabriano e Sassoferrato, a Superintendência italiana para os Bens Arqueológicos das Marcas e as universidades de Urbino e de Génova. Traz à ribalta a figura ímpar de um erudito, Camillo Ramelli (1804-1855), cuja actividade de intervenção cultural — «crítico de arte, poeta, biógrafo, hagiógrafo»... — aqui sobejamente se destaca, através, por exemplo, da correspondência mantida com relevantes personalidades da sua época, da criação da biblioteca comunal de Fabriano e, de modo muito especial, da recolha «de um lapidário romano no átrio do seu palácio» (p. 13), sobre que se tecerão, na última parte do volume (pp. 103-158, incluindo a bibliografia), mui oportunas considerações epigráficas.

Registe-se, antes de mais, a extraordinária oportunidade da iniciativa, pois se correria o sério risco — sem o indispensável apoio da família, que pôs à disposição dos investigadores toda a documentação dos seus arquivos e permitiu o total acesso às colecções — de se perder a memória de um homem que à docência competente e empenhada soube aliar o interesse pelas 'velharias' da sua terra natal e, inclu-

sive, não regateou empenhos para se integrar em equipas de investigação internacionais.

M. F. Petracchia traça-lhe breve biografia (pp. 17-25); Barbara Zenobi refere-se ao seu papel como educador (pp. 27-31); Balilla Beltrame dá conta do que foi Fabriano na história local do seu tempo (pp. 33-37); Maria Tramunto, através da correspondência travada entre Ramelli e os epigrafistas Borghesi e Des Vergers, documenta o projecto pioneiro de se fazer, com base em Paris, um *Corpus Inscriptionum Latinarum* (pp. 39-57); enquanto Federica Petracchia insiste no papel documental importante que detém, na época, a correspondência epistolar entre os sábios e os eruditos, transcrevendo — depois de apropriada introdução — parte significativa das cartas que Ramelli e Wilhelm Henzen (então secretário da secção italiana do Istituto di Corrispondenza Archeologica, de Roma) trocaram entre si. Lugar há, ainda, neste volume, para Marco Traverso se referir à investigação que o homenageado levou a efeito para historiar a relação do Papa Nicolau V com Fabriano.

Omitir-se-ia, no entanto, um dos contributos mais relevantes do volume se não se mencionasse o estudo de cada uma das epígrafes que compõem o lapidário em boa hora reunido na sua casa, como atrás se disse, por Camillo Ramelli. Sob o título «Il lapidario Raccamadoro-Ramelli» (pp. 103-148), apresentam-se as ‘fichas’ de 14 epígrafes, procedentes de *Attidium*, *Sentinum* e *Tuficum*, fichas essas da autoria de vários epigrafistas. Acrescem 4 exemplares de *instrumentum domesticum* (estes, a cargo de Carola Cervetti). A bibliografia essencial vem consignada da pág. 149 à 158.

Interessará, decerto, referir como está, genericamente, organizada a ficha de cada epígrafe: depois da identificação com o número do CIL XI (a que se junta, quando é o caso, a menção doutro *corpus* em que figure — o ILS, por exemplo), apresenta-se a foto (de boa qualidade, diga-se) e dão-se, sumariamente, todas as informações acerca do local de achado, descrição, dimensões, tipo de inscrição, bibliografia, leitura interpretada, comentários paleográfico e histórico. Sempre que há um manuscrito antigo que refira o monumento (mormente se com desenho), é reproduzido.

Constituem este pequeno *corpus* as mais variadas inscrições.

Interesso-me CIL XI 5683 (=ILS 558) [pp. 111-112]. Primeiro, para corrigir um ligeiro lapso de interpretação: se, na idade, se desdobra *ann(os)*, tam-

<sup>1</sup> Em Souto da Casa (Fundão): HEp 1, 673. Vide J. d' Encarnação, *Epigrafia – As Pedras que Falam*, Coimbra, 2006, 126-130.

bém se desdobrar em acusativo (e não em ablativo, *diebus*), a referência aos dias, que vem a seguir. Depois, porque aduz o testemunho de uma *Thymelice*, cognome grego a denotar origem servil que só uma vez se regista, que eu saiba, na epigrafia da Península Ibérica,<sup>1</sup> e que detém uma sugestiva conotação cultural, pois creio poder fazê-lo derivar do adjectivo «thymélikos», com o significado de «próprio do teatro», «do coro».

Curiosa me pareceu igualmente a estela CIL XI 5684 (pp. 113-115), em que Ramelli interpreta como «símbolo da fugacidade da vida» a decoração assaz frequente, por exemplo, nas estelas da zona de Miranda do Douro: uma espécie de corola com longas pétalas curvilíneas, em sentido giratório, da direita para a esquerda, ou uma ‘roda’ de raios curvilíneos. Haveria, decerto, algum sentido na asserção se pensarmos que no epitáfio se recorda *Truttidia Severa*, a qual, não obstante vir mencionada como *uxor* do dedicante (um liberto), apenas viveu 15 anos, 2 meses e 5 dias...

Decerto relativamente pouco relevo se tem dado até ao presente, no que à Lusitânia diz respeito, às manifestações do culto ao deus Mitra. Inscrições vistosas ainda não apareceram, é certo, mas a placa achada na cidade de *Pax Iulia*, encomendada pelo *sodalitium Bracarorum*,<sup>2</sup> destinada a ser colocada no compartimento das reuniões rituais, assim como as dezenas de lucernas com decoração solar identificadas no depósito votivo de Santa Bárbara, não muito longe da capital do *conventus Pacensis*,<sup>3</sup> podem ser um bom indício de que, doravante, deveremos estar mais atentos a todos os pormenores significativos. Vem esta reflexão a propósito de várias das epígrafes constantes deste volume, que nos fazem embrenhar no âmago da orgânica do culto mitraico. Assim, a inscrição CIL XI 5735 (pp. 118-120) foi dedicada a Mitra, sob a invocação de INVICTO,<sup>4</sup> por dois *leones*, *Rufinus et Aemilianus*, ambos da *gens Umbria*,<sup>5</sup>

<sup>2</sup> Cf. J. d' Encarnação, *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 1984, inscrição n.º 339; AE 1984 465; J. Alvar Ezquerro, «Integración social de esclavos y dependientes en la Península Ibérica a través de los cultos mistericos», in *Religion et Anthropologie de l'Esclavage et des Formes de Dépendance*. Eds. J. Annequin et M. Garrido-Hory, Besançon, 4-6 Nov. 1993, Les Belles Lettres, Paris, 1994, 283-284.

<sup>3</sup> Vide: M. G. P. Maia e M. Maia, *Lucernas de Santa Bárbara*, Cortiçol, Castro Verde, 1997.

<sup>4</sup> Todos os investigadores certamente o tentaram verificar, mas será que as palavras DEO SOLI não poderiam ter figurado no capitel da epígrafe? INVICTO, sozinho, implica, na verdade, um grau de abstracção considerável.

<sup>5</sup> O gentílico precede, no plural, a identificação de cada um deles através dos *cognomina*, expediente que, não sendo vulgar, outras vezes aparece: recorde-se a estranheza com que, a princípio, o propusemos para o caso dos dedicantes a

*prosedente Sevio Facundo*. Leo era, como explicita F. Petracchia (*ibidem*, p. 119), um dos graus dos iniciados nos mistérios mitraicos, protegido pelo planeta Júpiter. Facundo seria, por seu turno, um *sacerdos*, um *magister* (designação que surge na citada epígrafe de *Pax Iulia*) ou, até, o *Pater*; depositário dos conhecimentos acerca do ritual, presidiu, neste caso, à cerimónia da dedicação do altar. Interessante verificar a etimologia da palavra: *prosedente*, em ablativo, detinha o significado de «estar sentado diante», «*pro sedens*», e daí adveio o vocábulo ‘presidente’. O termo surge, aliás, logo no texto seguinte (CIL XI 5736 – pp. 121-123), dedicado *N(umini) s(ancto) S(olis) i(nvicti) M(ithrae)* também por dois irmãos *Gessi: Castus et Severus*, que ofereceram *simulacrum exornatum*. As ambas as epígrafes se há-de associar CIL XI 5737 (pp. 124-128), sugestiva lista de 32 (ou, mais provavelmente, 35) *cultores D(ei) S(olis) I(nvicti) Mithrae*, «o número mais elevado de nomes alguma vez verificado num sodalício deste género» (p. 128).

Por fim, uma observação de Marquardt, aduzida por Marco Tramunto a propósito do epíteto *Matusia* atribuído a Minerva (CIL XI 5740), não deixa de poder vir a ser motivo de ulterior reflexão, por ser aplicável, quiçá, a outras divindades, dado que *Matusia* tem ampla conotação antroponímica: este culto pode ser integrado, afirmaria Marquardt, nos cultos «das divindades locais, veneradas em *sacella* especiais e que recebiam o nome da família que inicialmente as honrara» (p. 133).

uma Tutela: *Pompei Clitus Corinthus Calvinus* – cf. J. d’Encarnação, *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal*, Lisboa, 1975, 294-296.

No que respeita às quatro marcas de fabricantes de *lateres* mencionadas no final, apenas aludir, por mera curiosidade, ao facto de numa delas (CIL XI 6689, 227) se ler SERTORIVS.

Bem apresentado e abarcando todos os domínios da actividade de Camillo Ramelli na sua qualidade de homem dedicado ao «culto» das antiguidades, o volume constitui, por conseguinte, uma obra de referência, pois demonstra, mediante um caso exemplar, a importância dos estudiosos locais e patenteia, por outro lado, o notável exemplo de uma família que generosamente disponibilizou aos investigadores os arquivos que herdara e que mui gostosamente cedeu para o arquivo municipal, para a biblioteca e para o museu. Ao investigador cabe, em casos idênticos, como aqui se fez, a integração do biografado na história da sua época e da sua localidade; captar, através dos documentos que pôde manusear, os eflúvios de uma mentalidade pessoal, que é, ao mesmo tempo, não há dúvida, reflexo de uma mentalidade generalizada, pelo menos em certos ambientes da sociedade da época.

É, além disso, um livro bonito, porque não poderemos deixar de nos extasiarmos perante a beleza das cartas manuscritas, com os formulários de deferência e as abreviaturas então correntes. Letra de hastes longas, inclinada para a frente, a de Camillo Ramelli, a denunciar um espírito lutador, metódico, firme nas suas convicções e propósitos.

Para os epigrafistas, não será sem uma certa surpresa que verão, tantas décadas decorridas, verificar que os preparativos de um *corpus* epigráfico ainda hoje se mantêm como nessas prístinas idades (pp. 48-49): as normas de transcrição, o decalque, os índices temáticos, a bibliografia...